

# As Raízes Missiológicas do Ensino Superior Adventista e a Contínua Tensão Entre **Missão Adventista e Visão Acadêmica**

GEORGE R. KNIGHT

**N**ão foi por acidente que o estabelecimento do primeiro colégio adventista e o envio do primeiro missionário ocorreram no mesmo ano (1874). Afinal, os fundadores do colégio haviam sido bem claros em declarar seus objetivos. Para eles, o colégio foi uma instituição necessária para o treinamento de missionários tanto para a pátria como para terras estrangeiras.

## **Nascido sob tensão**

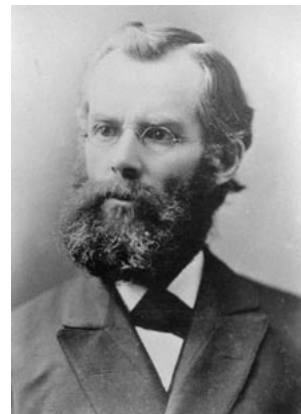
Assim, J. N. Andrews pôde escrever em 1873: “Os chamados que vêm de toda parte, de homens que falam outras línguas, devem ser atendidos por nós. Não podemos fazer isso na presente circunstância. Mas podemos fazê-lo se o Senhor abençoar nossos esforços no estabelecimento de nossa escola proposta.... Homens de outras nacionalidades desejam ser instruídos com respeito” ao Segundo Advento.<sup>1</sup>

Com tendência semelhante, o presiden-

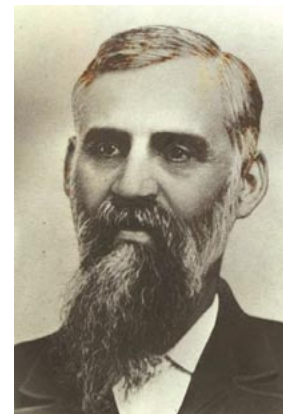
O nascimento do ensino superior adventista do sétimo dia foi cheio de tensão entre os alvos missionários ou teológicos dos líderes eclesiásticos que a fundaram e dos acadêmicos que a dirigiam.



Battle Creek College



J. N. Andrews



George I. Butler

te da Associação Geral, George I. Butler, mencionou pouco antes da inauguração do colégio que a denominação logo precisaria de centenas de seus membros educados para o serviço missionário.<sup>2</sup> Não havia dúvida alguma na mente dos fundadores do Battle Creek College de que essa instituição educacional deveria ter foco missiológico.

Havia, porém, a questão dos professores. Ainda mais básica era a questão de onde a nova denominação encontraria professores. Felizmente, tinham ao menos um formando universitário em seu meio. Sidney Brownsberger concluiu o curso clássico na University of Michigan, em 1869, e também terminaria o mestrado em 1875.<sup>3</sup> Considerando as necessidades da igreja, a educação de Brownsberger e sua dedicação ao adventismo, obviamente ele foi escolhido para liderar o novo colégio.

Houve apenas um empecilho em sua nomeação. Ao mesmo tempo em que se sobressaia no aspecto acadêmico, Brownsberger quase não tinha compreensão sobre como implementar os alvos dos fundadores. Em reunião da mesa, o novo presidente confessou: “Não conheço coisa alguma sobre como dirigir uma escola como essa”. Evidentemente ninguém mais sabia tampouco. Então, W. C. White (companheiro de quarto de Brownberger na época) lembrou que “ficou combinado que o trabalho da escola deveria ser organizado nos moldes básicos” e os ajustes seriam feitos depois.<sup>4</sup>

O jovem líder educacional fez o que



Ellen G. White

sabia ser melhor. A escola que desenvolveu nos meados da década de 1870 tinha como núcleo curricular uma escola preparatória tradicional de artes liberais e um curso superior focalizando latim, grego e os “clássicos pagãos”, embora a maioria dos alunos não fosse qualificada para ingressar naquele currículo de elite.

O estudo da Bíblia e a religião encontraram pouco espaço no que a escola oferecia. De fato, não havia aulas regulares de religião, muito menos aulas exigidas. Embora Uriah Smith manquejasse sobre sua única perna verdadeira para oferecer preleções opcionais sobre profecia bíblica, parece que não tinha grande número de participantes.

Os catálogos do colégio anunciavam: “Não existe coisa alguma nas matérias, ou nos regulamentos e práticas disciplinares, que tenha algo de denominacional ou sectário. As preleções bíblicas são apresentadas apenas para aqueles que as assistem por livre escolha”.<sup>5</sup> E novamente: “Os diretores deste colégio não instigam idéias sectárias nos alunos, nem dão a essas idéias qualquer importância nos trabalhos escolares”.<sup>6</sup>

**A**ssim foi o nascimento do ensino superior adventista do sétimo dia. Foi um nascimento cheio de tensão entre os alvos missionários ou teológicos dos líderes eclesiais que a fundaram e dos acadêmicos que a dirigiam. Ambos tinham algo de valor para contribuir.

Para ser mais direto, o ensino superior adventista nasceu sob tensão. Essa tensão não terminou com o início do sistema. Nós ainda a sentimos hoje. Vou argumentar no restante deste artigo que a tensão não é apenas contínua realidade mas necessidade crucial. Sem ela, o ensino superior adventista flutuaria para um ou outro de dois extremos insalubres.

### **Colégio bíblico ou instituição de artes liberais?**

Esses pensamentos nos levam à próxima e importante esfera de eventos na tensão entre missão adventista e visão acadêmica. Brownsberger demitiu-se em 1881 e foi substituído por Alexander McLearn, que chegou a Battle Creek com a vantagem de ter elevado doutorado em



Sidney Brownsberger

Divindade, mas também com a desvantagem de não ser adventista nem recém-converso.<sup>7</sup> Brownsberger talvez não compreendesse as necessidades de uma genuína educação adventista, McLearn, porém, nem mesmo compreendia o adventismo. Ele pode ter sido excelente acadêmico, mas sob sua liderança, as coisas foram de mal a pior. A instituição foi fechada durante o ano letivo de 1882-1883 sem a certeza de

que seria reaberta.

Foi durante a confusão da liderança de McLearn que Ellen White apresentou um testemunho intitulado “Nosso Colégio”, documento lido no auditório do colégio em dezembro de 1881 diante dos líderes eclesiais e educacionais da denominação.

“Há”, ela declarou enfaticamente, “risco de nosso colégio ser desviado de seu desígnio original. ... Por um ou dois anos passados, tem havido certo esforço para moldar nossa escola de acordo com outros colégios. ... Não é o propósito da instituição dar aos estudantes o *mero* conhecimento de livros. Essa espécie de educação pode ser obtida em qualquer colégio da região. ... Se uma influência mundana tiver que dominar nossa escola, seja ela então vendida aos mundanos, e assumam eles o total controle; e os que investiram seus recursos nessa instituição estabelecerão outra escola para ser dirigida, não de acordo com o plano das escolas populares, nem segundo a vontade de diretores e mestres, mas de acordo com o plano especificado por Deus”.<sup>8</sup>

O estimulante impulso de Ellen White não deixou pessoa alguma na dúvida quanto ao desastre de deixar “a influência moral e religiosa... para trás”. Ela apresentou termos bem definidos para a centralidade da Bíblia e sua visão global.<sup>9</sup>

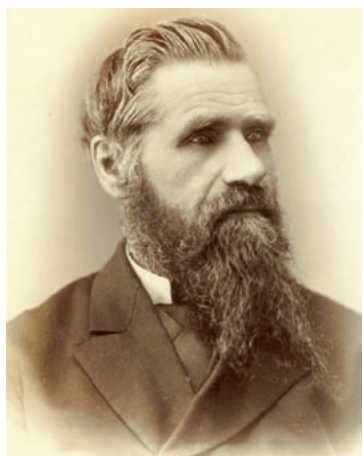
Com tal abundância de pronunciamentos pode-se conjecturar que ela desejava que os adventistas desenvolvessem um colégio ou instituto bíblico. Tal apelo, tivesse sido implementado, teria eliminado a tensão entre a visão de missão e a acadêmica, e teria colocado as escolas adventistas de ensino superior em direção segura rumo a um extremo de uma dinâmica bipolar.

Mas essa não foi a visão de Ellen White. Em sua segunda sentença, ela declarou plenamente que “o propósito de

Deus foi dado a conhecer – que *nosso povo tenha a oportunidade de estudar as ciências, aprendendo ao mesmo tempo os reclamos de Sua Palavra*. Com a expressão “ciências” ela pretendeu dizer o que conhecemos como artes e ciências. O impulso global de suas considerações foi que os jovens da denominação não deviam “meramente” estudar livros, mas sim fazê-lo no contexto da visão bíblica.<sup>10</sup>

É de suma importância reconhecer que Ellen White, naquele momento crítico da nossa história, guiou a denominação para fora do modelo de colégio bíblico de ensino superior para o que poderíamos chamar de abordagem cristã das artes liberais.

Ela também apoiou a orientação das artes liberais mais tarde, na década de 1880, nas dificuldades curriculares da recém-fundada South Lancaster Academy. Ali, S. N. Haskell, presidente da associação e da mesa, buscou conduzir a instituição a um modelo de colégio bíblico contra os desejos do diretor Charles Ramsey, que defendeu perspectiva mais ampla. Uma vez mais, Ellen White se simpatizou com a perspectiva mais ampla, apesar de temer que Ramsey não compreendesse o devido equilíbrio entre conhecimento acadêmico



S. N. Haskell



W. W. Prescott

e religioso. E ele não compreendeu. No primeiro infortúnio do conflito entre a visão acadêmica e a de missão adventista em 1888, ele deixou a denominação para continuar os estudos na Harvard.<sup>11</sup>

O notável resultado desta controvérsia é que Ellen White optou por equilíbrio precário no ensino superior em vez de um extremo polar mais confortável. Com essa postura, ela ajudou a posicionar o sistema denominacional de ensino superior em contínua tensão, e ajudou também a garantir sua relevância no mercado profissional dos séculos 20 e 21. Sem esse posicionamento, a educação adventista superior teria sido impelida para uma crescente irrelevância, exceto talvez pelo treinamento de pastores, na atmosfera

profissional cada vez mais rigorosa da primeira metade do século 20.

### De um extremo para o outro

O terceiro ciclo no conflito de tensão entre a missão adventista e a visão acadêmica foi estimulado por eventos relacionados à importante Assembléia da Associação Geral de 1888 em Mineápolis. Aquelas reuniões com ênfase na justificação pela fé e na necessidade de estudo bíblico mais intenso pelos pastores denominacionais<sup>12</sup>

resultaram numa série de escolas para pastores no final da década de 1880 e início da década de 1890.

As reuniões, por sua vez, levaram W. W. Prescott, que era simultaneamente presidente de Battle Creek College, Union College, e Walla Walla College, e diretor da Associação Educacional Adventista do Sétimo Dia no início da década de 1890, a solicitar uma convenção similar para educadores adventistas em Harbor Springs, Michigan, em julho e agosto de 1891. Isso causou ponto decisivo no desenvolvimento do ensino superior adventista. W. C. White descreveu essas reuniões em termos de reavivamento espiritual, dando ênfase aos testemunhos pessoais espontâneos. Ele observou que cada dia começava com exposições sobre o Livro de Romanos apresentadas por A. T. Jones. Ellen White também falou sobre assuntos como a necessidade de relacionamento pessoal com Cristo, a necessidade de um reavivamento espiritual entre os educadores que assistiam à convenção, e a centralidade da mensagem cristã para a educação.<sup>13</sup>

Prescott afirmou na Assembléia da Associação Geral de 1893 que Harbor Springs havia marcado o ponto decisivo na educação adventista.<sup>14</sup> Antes de Harbor Springs, o ensino da Bíblia tinha lugar secundário na educação adventista. Mas a convenção adotou uma recomendação que solicitava quatro anos de estudo da Bíblia para alunos em colégios adventistas.<sup>15</sup> A convenção também recomendava o ensino de história com a perspectiva da visão global bíblica.

O reavivamento cristocêntrico na teologia da igreja levou ao reavivamento espiritual no programa educacional acompanhado por visão mais clara de



Professores e alunos do Washington Foreign Mission College (Takoma Park, Maryland, EUA), em alguma ocasião entre 1905 e 1913.

É de suma importância reconhecer que Ellen White, naquele momento crítico da nossa história, guiou a denominação para fora do modelo de colégio bíblico de ensino superior para o que poderíamos chamar de abordagem cristã das artes liberais.

seu propósito. Como resultado direto, declarou Prescott: “Durante os últimos dois anos houve mais crescimento na obra educacional do que nos dezessete anos que precederam aquela época”.<sup>16</sup> Muito fora alcançado até o início de 1893, mas muito ainda restava a ser feito.

De Harbor Springs, Ellen White foi para a Austrália, onde deu muita atenção à educação. Suas recomendações levaram Prescott a tentar reformas curriculares ainda mais abrangentes no Battle Creek College no fim de 1893. As reformas, em particular, deslocariam o domínio dos clássicos no currículo e exaltariam seus aspectos cristãos.<sup>17</sup>

Como era de se esperar, certos elementos entre o corpo docente objetaram, Prescott (formado em Dartmouth) descreve, salientando que foram especialmente os que “obtiveram sua educação em outras faculdades, conduzidas após o plano secular”.<sup>18</sup> Um mês depois, Prescott descreveu a reunião na qual foi dito ao corpo docente que a mesa diretiva havia decidido prosseguir com as reformas: “O Prof. Hartwell fez o pior escândalo que eu jamais o vira fazer antes, declarando publicamente que ‘o colégio está morto’, ‘a educação liberal está morta’, ‘a liberdade religiosa está morta’”.<sup>19</sup>

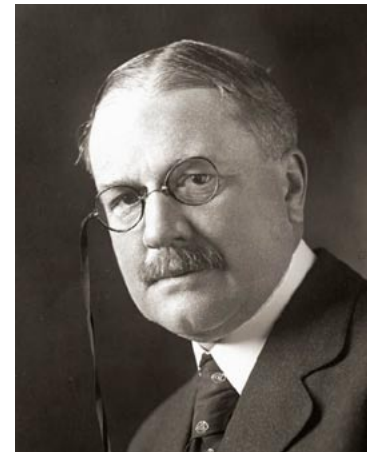
Por outro lado, Prescott declarou com alegria que os alunos tinham reagido positivamente. Mas esta resposta não veio sem conflito. Wilmott Poole, por exemplo, escreveu para seus pais que muitos dos estudiosos clássicos estavam desanimados quanto à decisão, mas haviam declarado sua submissão à vontade de Deus.<sup>20</sup>

Prescott planejou testar a nova abordagem curricular em Battle Creek e então, usando sua posição de líder da Associação Educacional e de dois outros colégios, estimular sua adoção por outras instituições adventistas.<sup>21</sup>

“Eu acredito”, escreveu Prescott ao presidente da Associação Geral, “que

este movimento não apenas marcará o início de tais mudanças na obra da nossa escola em geral, mas a tornará muito mais eficiente no preparo dos que desejam sair para propagar a verdade”.<sup>22</sup>

Neste ponto ele atingiu uma questão vital. Seguindo a direção do recém-organizado Movimento de Estudantes Voluntários para Missões Estrangeiras, os protestantes americanos estavam liderando na década de 1890 um movimento para “a evangelização do mundo nesta geração”, que causou a maior expansão das missões na história norte-americana.<sup>23</sup> O principal resultado educacional deste impulso de missão foi o surgimento do colégio missionário e do movimento do instituto bíblico entre os evangélicos americanos.<sup>24</sup>



Frederick Griggs

O adventismo seguiria a liderança dos evangélicos. A década de 1890 provou ser a mais dinâmica década na expansão de suas missões e seu sistema educacional.<sup>25</sup> E provavelmente não é por acaso que em poucos anos, o adventismo começaria a chamar de colégios missionários muitas de suas instituições acadêmicas, dando-lhes nomes tais como: Emmanuel Missionary College, Washington Missionary College, e College of Medical Evangelists.

Um dos mais notáveis aspectos da era de reforma curricular conduzida por Prescott foi o moderado conselho de Ellen White. Os extremistas poderiam facilmente ter impellido as escolas para longe do extremo clássico acadêmico rumo ao seu oposto (como aconteceria em 1897 e

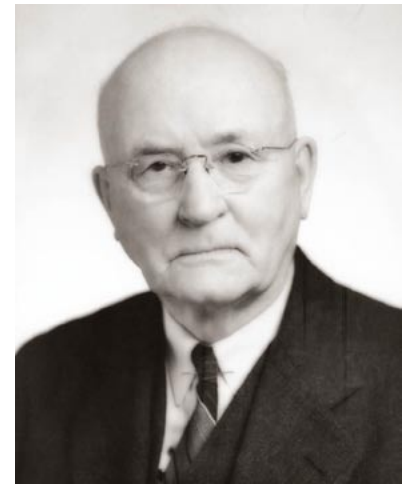


Foto primitiva de professores e alunos do Avondale College (Cooranbong, Austrália), estabelecido em 1897.



Percy T. Magan

O reavivamento cristocêntrico na teologia da igreja levava ao reavivamento espiritual no programa educacional acompanhado por visão mais clara de seu propósito.



Edward Alexander Sutherland

dali em diante).

O presidente da Associação Geral, O. A. Olsen, que estava visitando a Austrália durante a iniciativa da reforma, questionou Ellen White a respeito do currículo tradicional. Ele relatou a Prescott que ela disse que a luz que tinha sobre o assunto era que não deveriam ignorar “as linhas regulares da educação, mas que deveriam tornar a Bíblia soberana [sic]”. Seu conselho aos alunos: “Cresçam tão alto quanto queiram nas linhas educacionais, contanto que sejam firmados somente pela mais elevada sabedoria que os homens podem obter na Palavra de Deus.”<sup>26</sup>

**E**la mostrou que Moises, Daniel e Paulo haviam recebido ensino superior e entendimento religioso, como exemplos a serem seguidos. “Paulo tinha tal poder” porque “ele tinha conhecimento que podia igualar” ao dos “grandes sábios” combinado com o conhecimento de Cristo.<sup>27</sup>

Durante a década de 1880, Ellen White estava na vanguarda, apelando por uma educação que garantisse equilíbrio entre a missão adventista e a visão acadêmica. No entanto, como veremos, nem todos os seus leitores compreenderam nitidamente esse equilíbrio.

A força viva de Harbor Springs e suas consequências continuaram até a década de 1890 na fundação da Avondale School for Christians Workers, na Austrália, sob orientação de Ellen White e outros reformadores.<sup>28</sup> A experiência de Avondale foi uma grande mudança do domínio dos clássicos, encontrado na maioria das instituições norte-americanas, rumo à missão adventista.

E que poderosa mudança ela foi. Ellen

White falou em termos incontestáveis de a Avondale estabelecer um modelo para outras escolas seguirem.<sup>29</sup> Mas essa necessária mudança de direção poderia ser levada a extremos.

E assim aconteceu com Edward Alexander Sutherland, Percy T. Magan, e os outros radicais que assumiram o Battle Creek College no fim da década de 1890. Eles erradicaram totalmente os clássicos, desenvolveram um currículo que era quase só religião, defenderam a Bíblia como o único livro texto, araram os campos de atletismo da escola para a plantação de batatas, desenvolveram grande variedade de atividades missionárias, e pararam de oferecer diplomas acadêmicos. Em 1901, quando o Battle Creek College foi mudado para Berrien Springs para reformas ainda mais radicais, a escola estava oscilando na extrema ponta direita de colégio bíblico ou instituto missionário de ensino superior da América do Norte.<sup>30</sup> Esse fato erradicou a tensão por um período. A missão adventista havia se tornado tudo e a visão acadêmica nada.

### De volta ao equilíbrio

As tensões no ensino superior, entretanto, têm dificuldade de permanecer mortas por muito tempo. Isso nos leva ao quarto ciclo de tensão, com a entrada de Frederick Griggs, que presidiu o departamento de educação da Associação Geral de 1904 a 1910 e de 1915 a 1918. Griggs era um moderador que concordava com Sutherland e Magan nas metas da educação adventista, mas que censurou seu método unilateral de alcançá-las.<sup>31</sup> O lema de Griggs foi: “Para sermos educadores devemos ser educados, e para sermos educados devemos estudar.”<sup>32</sup>

Em 1907, ele observou que o adventismo tinha “carência de homens e mulheres bem educados – que possam editar nossas revistas, dirigir nossas escolas de treinamento e escolas intermediárias, e que possam apresentar a mensagem para as classes mais cultas do mundo”.<sup>33</sup>

Griggs via a educação equilibrada como investimento no qual a obtenção educacional aumentava grandemente o valor da pessoa.<sup>34</sup> Educação de qualidade para Griggs, naturalmente, incluía o serviço a Deus e ao próximo.

Durante o mandato de Griggs, a visão acadêmica atingiu renascimento. Não foi por acidente que os primeiros adventistas a obter Ph.D. – B. G. Wilkinson da George Washington University, em 1908, e M. E. Olsen da University of Michigan, em 1909 – graduaram-se durante a era da liderança educacional de Griggs.<sup>35</sup>

Mas o próprio Griggs se preocupava quanto a alcançar equilíbrio entre a visão acadêmica e a missão adventista. Em seu discurso de abertura à Convenção Educacional da Associação Geral em 1910, ele mencionou que “o pêndulo tem balançado e continua balançando. Mas agora devemos perguntar a nós mesmos, com seriedade, se não existe o perigo de ir muito longe, e de novamente medir nosso trabalho e definir nossos padrões pelos padrões do mundo”.<sup>36</sup>

Griggs foi uma voz moderada na educação adventista no início do século 20. Durante o seu mandato, a visão acadêmica foi recuperada e a concessão de graduações acadêmicas em instituições como Emmanuel Missionary College (EMC) foi restaurada. Mas os extremistas ainda estavam soltos. Em 1915, por exemplo, Sutherland escreveu em seu livro *Studies*

in *Christian Education* que a concessão de graduações acadêmicas eventualmente seria nada menos que “um selo ou marca da besta”.<sup>37</sup> No fim da década de 1910, forças conservadoras ganharam controle, removendo Griggs do cargo e o exilando em Berrien Springs, onde sua direção marcou a “era áurea” do EMC.<sup>38</sup>

Enquanto isso, o conservador Warren E. Howell, como secretário do departamento de educação da Associação Geral, deu sua voz de comando às escolas e colégios denominacionais durante a explosiva década de 1920.<sup>39</sup>

### Tensão natural na profissionalização

No início da década de 1920, o adventismo sofreu uma nova série de ataques contra a visão acadêmica. Os detentores de Ph.D., como M. E. Olsen, ficaram sob suspeita e em alguns casos até perderam o emprego. Esta é uma das razões por que Olsen encontrou tempo para escrever a primeira história significativa do adventismo, *Origin and Progress of Seventh-day Adventists* (1925).

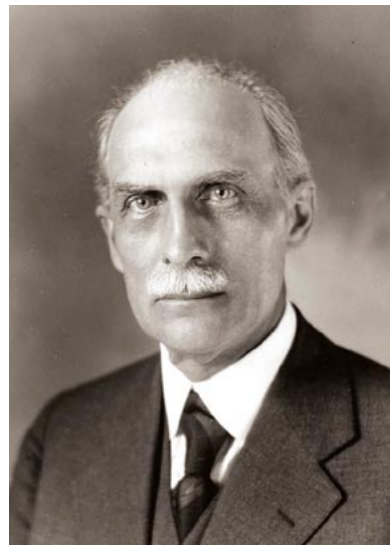
Naqueles anos, até mesmo cursar mestrado era desaprovado. H. A. Morrison, presidente do Union College, aumentou a ira dos líderes que apoiavam os regulamentos de Howell quando encorajou alguns de seus professores a obter o mestrado. Como resultado, quando M. L. Andreassen pediu permissão para estudar na Universidade de Nebraska, Morrison respondeu: “Não posso lhe dar permissão para ir, mas pode ir sem a minha permissão, compreendendo que você pedirá demissão quando isso for descoberto”.<sup>40</sup>

**N**ão é necessário dizer que Howell e os que compartilhavam sua opinião na Associação Geral se opuseram ao credenciamento de instituições adventistas. Eles usavam com alegria as citações de Ellen White para favorecer seu ponto de vista. Dois de seus favoritos eram “Resolvamos não nos prender, nem por um fio que seja, aos métodos educativos dos que não distinguem a voz de Deus, e não dão ouvidos aos Seus mandamentos”<sup>41</sup> e “Há constante perigo entre o nosso povo de que os que se empenham no trabalho em nossas escolas e hospitais abriguem a idéia de que precisam pôr-se em harmonia com o mundo, estudar as coisas que o mundo estuda e familiarizar-se com aquilo com que o mundo se familiariza. Este é um dos maiores erros que podem ser cometidos.”<sup>42</sup>

A luta pelo credenciamento dominaria o ensino superior adventista por 20 anos,

mas o fato era que as profissões estavam mudando e, com elas, a educação profissional. Áreas como pedagogia, enfermagem e medicina por volta da década de 1920 exigiam certificação profissional, algo inimaginável na década de 1890. A nova modalidade de profissionalismo desafiaria cada vez mais o adventismo. Os líderes educacionais e eclesiásticos da denominação seriam forçados uma vez mais a examinar a tensão entre a visão acadêmica e a missão adventista.

O problema não foi crítico no início da década de 1920, quando as escolas que enviavam alunos ao College of Medical Evangelists precisavam apenas de credenciamento para os dois primeiros anos de faculdade, o que podia ser prontamente obtido. Por volta de 1928, ficou evidente que as escolas tinham que ser credenciadas como faculdades completas. Esse requisito tornou-se difícil por muitas razões, mas a maior ameaça foi que pro-



Warren E. Howell

fessores universitários precisariam de cursos de pós-graduação que apenas podiam ser obtidos em instituições “pagãs”. Alguns temiam que todo o sistema fosse corrompido por professores que trariam suas idéias de volta aos colégios adventistas.

A solução do problema tornou-se grande questão na agenda adventista. Em 1928 o concílio anual da Associação Geral estabeleceu a Board of Regents como associação de

credenciamento denominacional. A igreja esperava que as entidades regionais de credenciamento aceitasse o credenciamento da Board of Regents, possibilitando assim aos colégios adventistas evitar a “contaminação”.

Ficou provado ser isso um desejo ilusório. Alguns líderes educacionais estavam cientes disso o tempo todo. O líder desse grupo foi P. T. Magan – que havia mudado seu antigo extremismo, era decano e mais tarde se tornaria diretor



Desde seu início, a educação adventista tem procurado integrar a fé com o aprendizado. Uma classe de temperança no Colégio de Battle Creek, EUA.

do College of Medical Evangelists – bem como muitos dos diretores de colégios. Eles tinham declarações de Ellen White que pela lógica levavam a nada, exceto ao credenciamento, apesar da advertência quanto aos perigos envolvidos. A posição deles baseava-se em 1910 quando a denominação teve que decidir que tipo de educação médica oferecer em Loma Linda, e os líderes da igreja haviam colocado a questão diante de Ellen White.<sup>43</sup>

Ela respondeu inequivocamente que a escola deve “proporcionar o que for essencial para habilitar nossos jovens que desejam ser médicos.”<sup>44</sup> Além disso, a Sra. White indicou que os colégios adventistas devem oferecer um curso preparatório que ofereça aos alunos o necessário “preparo literário e científico” para “satisfazer as exigências de admissão especificadas pelas leis do Estado”.<sup>45</sup>

Essas declarações eventualmente promoveram apoio para os colégios adventistas preparando ampla variedade de profissionais para servirem ao mundo moderno. Sem os claros conselhos de Ellen White, os colégios adventistas provavelmente não teriam oferecido preparo adequado para profissionais no século 20.

**M**as essas alternativas não foram sempre imediatamente evidentes para os que enfrentavam a controvérsia do credenciamento. Um dos primeiros conversos de Magan foi E. A. Sutherland, o campeão antigraduação da década de 1890 e colega de Magan nas reformas radicais nos colégios Battle

Creek e Madison. Já em 1923, Sutherland, persuadido por Magan quanto à seriedade do problema, começou discretamente a enviar alguns de seus professores para obter títulos avançados em instituições reconhecidas, a fim de que o Madison College pudesse acompanhar os ascendentes padrões da educação profissional.<sup>46</sup>

As manobras de Sutherland não se tornaram públicas até 1931.<sup>47</sup> Quando isso aconteceu, no entanto, houve muita reação. Otto J. Graf, por exemplo, um dos presidentes que seguiram Sutherland no Emmanuel Missionary College, emitiu uma nota de ansiedade e surpresa. “Meu irmão”, ele escreveu, “anos atrás olhámos para você e sua escola como baluartes contra coisas mundanas. Encontrar você agora liderando nesta questão de sujeitar desnecessariamente nosso sistema escolar a influências e preceitos mundanos é um tremendo desapontamento.”<sup>48</sup>

Em 1931, quando a mudança de Sutherland tornou-se pública, o problema havia sido bem identificado. De fato, o concílio outonal de 1931 votou permitir que colégios adventistas obtivessem o credenciamento regional. Mas apesar dessa autorização, muitos líderes de igreja continuaram a se opor à idéia. William G. White observou que “a decisão do concílio de 1931 não resolveu o problema, mas foi apenas a abertura evasiva de uma guerra de palavras que durou cinco anos à medida que os prós e contras do credenciamento regional foram debatidos por administradores e educadores da igreja”.<sup>49</sup>

Um grande obstáculo para a causa do credenciamento surgiu em outubro de

1935 quando W. H. Branson apresentou o relatório da Comissão de Avaliação Para Credenciamento ao Concílio Outonal da Associação Geral. Branson finalizou seu relatório declarando: “Estamos prontos a admitir que em nossa ação de quatro anos atrás fomos muito longe”.<sup>50</sup> Como resultado do seu discurso e da discussão que se seguiu, os delegados decidiram minimizar o perigo credenciando apenas dois dos colégios completos. Todavia, em 1936 a Assembléia da Associação Geral reverteu aquela decisão. Até 1945, todos os seis colégios norte-americanos completos no centro da controvérsia obtiveram credenciamento.<sup>51</sup>

Mas a denominação ainda enfrentava o problema de educar o corpo docente para preservar a prioridade da missão adventista. “Vamos preparar nossos próprios professores” fora a primeira linha de pensamento. Assim, no início do século 20, uns poucos mestrados foram oferecidos pelos Pacific Union College, Union College, e Emmanuel Missionary College.<sup>52</sup> Mas esta abordagem logo desapareceu. Mais permanente em natureza foi a Advanced Bible School (ABS), inaugurada no Pacific Union College em 1934. Esperava-se que essa instituição pudesse oferecer graduações avançadas para professores de Bíblia e assim preservar a perspectiva adventista para esse importante corpo docente. A ABS eventualmente se transformaria no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia na Andrews University.<sup>53</sup>

O instituto Advanced Bible School, naturalmente, não resolveu as necessidades educacionais da maioria do corpo docente. Como resultado, as comissões buscaram um corpo docente maduro, experiente e “seguro” que pudesse ser enviado a instituições não adventistas para estudos avançados, esperando que o impacto naquele grupo seletivo fosse mínimo. E até o fim da década de 1950, o plano parecia estar funcionando razoavelmente bem.

Entretanto, a denominação continuou lutando com a contínua tensão entre a missão adventista e a visão acadêmica. Mas a dinâmica entre as duas pareceu estar em estado de equilíbrio construtivo. Chegou, então, a década de 1960 e novos desafios para a contínua tensão.

### Os desafios de maturidade

A dinâmica década de 1960 acompanhou crescimento sem precedente no ensino superior norte-americano conforme uma inundação de baby boomers adentrou suas portas.

O ensino superior adventista enfrentou



Estátuas do Bom Samaritano em Loma Linda University (Loma Linda, Califórnia, EUA).



a mesma pressão e tensão que a educação pública. Com Ph.D., agora o esperado grau para professores universitários, o método de enviar professores antigos e seguros para estudos avançados desmoronou à medida que uma onda de jovens adventistas matriculou-se em uma variedade de escolas de graduação. Ninguém sabia qual seria o resultado.

Até as décadas de 1970 e 1980, as instituições adventistas haviam atingido a categoria de faculdades e universidades respeitadas, algumas até oferecendo diplomas de doutorado completamente credenciados. Mas a questão de conseguir equilíbrio ainda era problema. As escolas denominacionais de ensino superior estavam obviamente indo bem academicamente. Mas que dizer da missão? É de se surpreender, por exemplo, sobre o significado da advertência que recebi, quando discursava para o corpo docente

de uma instituição adventista, para evitar o uso da palavra “cristão” a fim de não ofender algum professor muçulmano ou hindu praticante. E o que devemos pensar quando um departamento remove a frase “perspectiva bíblica” de trabalhos originalmente formulados para refletir a declaração de missão da instituição porque os não-cristãos entre os alunos conhecem pouco da Bíblia?

E quanto à missão adventista? Esta pergunta tem repetidamente estimulado ações por parte dos líderes educacionais da Associação Geral. Consideremos as tentativas de Charles Hirsch dar à história adventista e estudos de Ellen White um lugar mais proeminente no currículo (na década de 1970), toda a energia e muitas despesas empregadas em trazer professores adventistas de todas as partes do mundo para participar de conferências de integração de fé e ensino iniciadas por

George Akers e Humberto Rasi (de 1990 até o presente), e a Conferência Internacional da Filosofia de Educação Adventista do Sétimo Dia (2001).

Hoje existe pouca dúvida quanto ao sucesso do ensino superior adventista na área acadêmica. O maior desafio é manter a vitalidade da missão adventista.

A tensão entre missão e visão, como já vimos, existiu desde o princípio das instituições terciárias da denominação. Embora essa tensão foi e, por vezes, continue sendo um peso, acredito que ela seja absolutamente necessária para o êxito dos colégios e universidades adventistas. Sem ela, existem apenas duas opções: a síndrome do apagar das luzes<sup>54</sup> na ausência de distinta ênfase adventista; ou um programa de colégio bíblico que seria inadequado para as necessidades do século 21. Ao mesmo tempo em que a tensão é sempre desconfortável, as alternativas seriam



desastrosas para satisfazer a comissão prevista por Tiago e Ellen White no início do Battle Creek College.



*George R. Knight serviu à Igreja Adventista do Sétimo Dia por 40 anos como pastor, professor no ensino fundamental e médio, administrador escolar, e professor de filosofia da educação e história do adventismo na Andrews University em Berrien Springs,*

*Michigan, EUA. Ele é autor de 30 livros e escreve de Rogue River, Oregon, EUA.*

#### NOTAS E REFERÊNCIAS

- J. N. Andrews, "Our Proposed School," *Review and Herald* (1º de abril de 1873), p. 124.
- George I. Butler, "What Use Shall We Make of Our School?" *Review and Herald* (21 de julho de 1874), p. 44, 45.
- Ver Joseph G. Smoot, "Sidney Brownsberger: Traditionalist," em *Early Adventist Educators*, George R. Knight, ed. (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1983), p. 72-94.
- W. C. White, "Pioneer Pilots in Christian Education," em *Founders' Golden Anniversary Bulletin of Battle Creek College and Emmanuel Missionary College: 1874-1924*, p. 29.
- Battle Creek College Catalogue, 1876-1877*, p. 10.
- Ibid.*, 1879-1880, p. 6.
- Emmett K. Vande Vere, *The Wisdom Seekers* (Nashville: Southern Publ. Assn., 1972), p. 42.
- Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004), vol. 5, p. 21, 22, 25, 26 (itálico acrescentado).
- Ibid.*, p. 21, 22.
- Ibid.*, p. 21, 22 (itálico acrescentado).
- Myron F. Wehtje, *And There Was Light: A History of South Lancaster Academy, Lancaster Junior College, and Atlantic Union College*, vol. 1, 1882-1928 (South Lancaster, Mass.: Atlantic Press, 1982), p. 74-84; White, *Testemunhos*, vol. 5, p. 586-590; "Record of Meetings of Stockholders of S. Lancaster Academy, 1883," p. 63-70.
- Ver George R. Knight, *Angry Saints: Tensions and Possibilities in the Adventist Struggle Over Righteousness by Faith* (Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1989), p. 100-115.
- W. C. White para E. R. Jones, 28 de julho de 1891.
- W. W. Prescott, "Report of the Educational Secretary," *Daily Bulletin of the General Conference* (23 de fevereiro de 1893), p. 350.
- Ibid.*
- Ibid.*, p. 357.
- W. W. Prescott para E. G. White (8 de novembro de 1893).
- Ibid.*
- W. W. Prescott para O. A. Olsen, 8 de dezembro de 1893.
- W. W. Prescott para E. G. White, 8 de dezembro de 1893; Wilmott Poole para os pais, 16 de dezembro de 1893.
- W. W. Prescott para O. A. Olsen, 8 de dezembro de 1893; W. W. Prescott para E. G. White, 8 de dezembro de 1893.
- W. W. Prescott para O. A. Olsen, 8 de dezembro de 1893.
- John R. Mott, "Report of the Executive Committee," em *Student Mission Power: Report of the First International Convention of the Student Volunteer Movement for Foreign Missions, Held at Cleveland, Ohio, U.S.A., February 26, 27, 28 and March 1, 1891* (Pasadena, Calif.: William Carey Library, 1979), p. 21-23; Ernest R. Sandeen, *The Roots of Fundamentalism* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1978), p. 183; Sydney E., Ahlstrom, *A Religious History of the American People* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1972), p. 864.
- Ver Virginia Lieson Brereton, *Training God's Army: The American Bible School, 1880-1940* (Bloomington: Indiana University Press, 1990).
- Ver George R. Knight, "The Dynamics of Educational Expansion," *Journal of Adventist Education* 52:4 (Abril-Maio 1990), p. 13-19, 44, 45.
- Ellen G. White em O. A. Olsen para W. W. Prescott, 20 de dezembro de 1893.
- Ibid.*
- Ver Milton Hook, *The Avondale School and Adventist Educational Goals, 1894-1900*. Dissertação de Ed.D., Andrews University, 1978.
- Ver George R. Knight, *Myths in Adventism*, op.cit., p. 17-25.
- Ver Vande Vere, *Wisdom Seekers*, p. 95-103. Para melhor estudo sobre o início da carreira de Sutherland, ver Warren Sidney Ashworth, *Edward Alexander Sutherland and Seventh-day Adventist Educational Reform, 1890-1904*. Dissertação de Ph.D, Andrews University, 1986.
- Ver Arnold Colin Reye, *Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator*. Dissertação de Ph.D., Andrews University, 1984.
- Frederick Griggs, "Teachers an Example," *Review and Herald* (8 de dezembro de 1904), p. 20.
- \_\_\_\_\_, "Educated Missionaries," *Review and Herald* (7 de março de 1907), p. 22.
- \_\_\_\_\_, "The Education of Our Children," *Review and Herald* (21 de março de 1906), p. 21.
- Embora seja verdade que C. Moench tenha vindo para o Union College com um Ph.D em línguas modernas em 1895-1896, aparentemente o adquiriu antes de se unir a igreja. Ver Everett Dick, *Union: College of the Golden Cords* (Lincoln, Neb.: Union College Press, 1967), p. 348.
- Frederick Griggs, "Our Times, Our Message, and Our Schools," *Convention of the Department of Education of the General Conference of Seventh-day Adventists* (1910), p. 19.
- E. A. Sutherland, *Studies in Christian Education*, edição reimpressa. (Payson, Ariz.: Leaves-of-Autumn Books, n.d.), p. 137, 138.
- Vande Vere, *Wisdom Seekers*, p. 142.
- John Francis Waters, *Warren Eugene Howell: Seventh-day Adventist Educational Administrator*. Dissertação de Ph.D., Andrews University, 1988.
- Dick, *Union*, p. 157.
- Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 4ª edição, 2000), p. 255.
- Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), p. 534.
- Dores Eugene Robinson, *The Story of Our Health Message*, 2ª edição (Nashville: Southern Publ. Assn., 1955), p. 371-389.
- Ellen G. White, carta reproduzida no artigo "A Medical School at Loma Linda," *Review and Herald* (9 de maio de 1910), p. 18.
- \_\_\_\_\_, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 4ª edição, 2000), p. 479, 480.
- E. A. Sutherland para O. J. Graf, 18 de maio de 1931.
- [E. A. Sutherland], "Why Should Madison Become a Senior College," *The Madison Survey* (7 de janeiro de 1931).
- O. J. Graf para E. A. Sutherland, 16 de janeiro de 1931. Cf. Clifford G. Howell para E. A. Sutherland, 18 de março de 1932.
- William G. White, Jr., "Another Look at Those Pioneers of Adventist Accreditation," *Focus* (Inverno 1978), p. 11.
- W. H. Branson, "Our Presentation of the Report of the Survey Commission on Education Regarding Accreditation," discurso apresentado no Concílio Otonal, 30 de outubro de 1935.
- Para melhor e mais extensivo estudo sobre o conflito do credenciamento, ver o livro manuscrito não publicado de William G. White, Jr., intitulado "New Times, New Measures, New Men: The Regional Accreditation of Seventh-day Adventist Liberal Arts Colleges, 1922-1945."
- Walter C. Utt, *A Mountain, A Pickax, A College* (Angwin, Calif.: Alumni Assn. of Pacific Union College, 1968), p. 70; Dick, *Union*, p. 179, 180; Vande Vere, *Wisdom Seekers*, p. 157.
- Seventh-day Adventist Encyclopedia*, 2ª edição revisada (1996), s.v. "Andrews University."
- Ver James Tunstead Burchaell, *The Dying of the Light: The Disengagement of Colleges and Universities From Their Christian Churches* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1998).